



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

KÁTIA CRISTINA FIGUEIREDO

POR TRÁS DO MEDO: refletindo a síndrome do pânico no contexto universitário

CAMPINA GRANDE – PB

2018

KÁTIA CRISTINA FIGUEIREDO

POR TRÁS DO MEDO: REFLETINDO A SÍNDROME DO PÂNICO NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

Trabalho apresentado à banca examinadora do curso de graduação em Enfermagem, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como pré-requisito para avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Priscilla Maria de Castro Silva



Examinadora: Gisetti Corina Gomes Brandão



Examinadora: Maria Luísa de Almeida Nunes

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tereza Brasileiro
Silva, CCBS/UFCG**

F475p

Figueiredo, Katia Cristina.

Por trás do medo: refletindo a síndrome do pânico no contexto universitário
/ Katia Cristina Figueiredo. – Campina Grande: o autor, 2018.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) -
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da
Saúde.

Referências.

Orientadora: Profª Priscilla Maria de Castro Silva, Drª.

1. Transtornos ansiosos. 2. Pânico. 3. Universidade. I Autor. II. Silva, Priscilla
Maria de Castro. (Orientador). III. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 616-083:616.89 (813.3)

**Responsabilidade técnica - catalogação:
Jônatas Souza de Abreu, M Sc. CRB-4/1823**

RESUMO

FIGUEIREDO, K.C. **Por trás do medo: refletindo a síndrome do pânico no contexto universitário.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Campina Grande.

A universidade é um espaço desafiador para todos, pois a produção e transmissão de conhecimento terminam por mobilizar vários aspectos cognitivos, sociais, físicos e emocionais que determinam o processo de formação. É cada vez mais observado que as situações enfrentadas no ambiente acadêmico vêm ocasionando sofrimento psíquico que se manifestam de diversas formas, tais como: depressão, ansiedade, fobias e dependência química. É notório, que as experiências vividas na universidade serão de alguma maneira incorporadas pelo sujeito, seja através das relações de prazer – sofrimento, que estão relacionadas a capacidade do sujeito de encontrar sentido diante das experiências que vivencia ou simplesmente no êxito ou fracasso obtidos. A síndrome do pânico é um transtorno que pode ser caracterizado pela ocorrência de ataques de pânico, onde o indivíduo apresenta crises súbitas de mal – estar, sensação de perigo e medo da morte com inúmeros sintomas fisiológicos. O ataque de pânico em si, não é considerado uma patologia, pois pode ocorrer em casos isolados em indivíduos que passaram por uma situação onde foram submetidos a uma alta carga de estresse ou situação de extremo perigo podendo assim desencadear um ataque. Objetivamos de forma geral com esse relato autobiográfico: descrever os desafios e os impactos na vivência acadêmica de uma portadora de Síndrome do Pânico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que possibilita a melhor compreensão do pesquisador de acordo com o decorrer dos fenômenos estudados e que por não ser rigidamente estruturada, permite a proposta e exploração de novos enfoques, a pesquisa compreende o período de 2008 a 2018, em universidades onde a pesquisadora estudou, para analisar os dados utilizamos a análise categorial temática de Bardin, estruturada na discussão de três categorias: categoria I: impactos na vida acadêmica de uma portadora de Síndrome do Pânico, evidenciando que ao ingressar na universidade onde espera-se que seja um ambiente salubre ou que no mínimo não ofereça riscos à saúde, o portador de um transtorno ansioso depara-se muitas vezes com inúmeros elementos que de alguma maneira vão influenciar no desempenho acadêmico e conseqüentemente levar ao sofrimento psíquico; categoria II: dificuldades sinalizadas no aprendizado e continuidade do curso, onde a autora afirma que uma das maiores dificuldades do portador do transtorno de pânico é não encontrar o apoio necessário para suportar o estresse acarretado pelas crises e para o enfrentamento de várias situações do dia a dia que podem leva-lo a desencadea-la; categoria III: Estratégias lançadas para autoajuda/autofortalecimento na finalização do curso, a aceitação do problema e o enfrentamento das situações que provocaram o adoecimento são indispensáveis para a superação do mesmo. Conviver com a síndrome de pânico é um grande desafio para o portador, uma vez que a sociedade torna-se cada vez mais competitiva, qualquer pessoa que possua problemas considerados insignificantes para grande parte da população sofrerá com as barreiras encontradas ao longo do caminho. a universidade como formadora de cidadãos, tem por obrigação identificar e oferecer ajuda aos estudantes que encontram-se em algum tipo de sofrimento psíquico, além de promover a disseminação de ideias que mudem a visão preconceituosa que paira sob a maioria e consiga tornar-se um ambiente salubre para todos.

Palavras-chave: Transtornos Ansiosos. Pânico. Universidade

SUMÁRIO

1 Introdução.....	5
2 Objetivos.....	6
3 Referencial Teórico.....	6
3.1 Síndrome do Pânico.....	7
3.2 Sofrimento Psíquico na universidade	8
4 Metodologia.....	9
4.1 Local e Período	9
4.2 Procedimentos e Técnicas	9
4.3 Análise de Dados.....	11
4.4 Aspectos Éticos.....	11
5 Relato autobiográfico.....	12
6 Análise e discussão do material empírico.....	21
6.1 Categoria I: Impactos na vida acadêmica de uma portadora de síndrome do pânico.....	21
6.2 Categoria II: Dificuldades sinalizadas no aprendizado e continuidade do curso.....	23
6.3 Categoria III: Estratégias lançadas para autoajuda/autofortalecimento e finalização do curso.....	25
7 Considerações finais.....	25
8 Referências.....	27

1 INTRODUÇÃO

Segundo Xavier, Nunes e Santos (2008), a universidade é um espaço desafiador para todos, pois a produção e transmissão de conhecimento terminam por mobilizar vários aspectos cognitivos, sociais, físicos e emocionais que determinam o processo de formação. É cada vez mais observado que as situações enfrentadas no ambiente acadêmico vêm ocasionando sofrimento psíquico que se manifestam de diversas formas, tais como: depressão, ansiedade, fobias e dependência química. Por este motivo, tornou-se mais difícil o acesso à universidade e mais perceptível a evasão de alunos acometidos por essas enfermidades.

É notório, que as experiências vividas na universidade serão de alguma maneira incorporadas pelo sujeito, seja através das relações de prazer – sofrimento, que estão relacionadas a capacidade do sujeito de encontrar sentido diante das experiências que vivencia ou simplesmente no êxito ou fracasso obtidos nas atividades desenvolvidas como realização de trabalhos, aulas, produção de artigos ou qualquer outro processo que determine aprovação ou reprovação. Diante disso, é necessária uma reorganização do aparelho psíquico de forma que seja qual for o resultado vivenciado, isso não interfira na integração e superação do sujeito (XAVIER; NUNES; SANTOS, 2008).

De acordo com Loreto (1985, apud Caixeta, 2011), é responsabilidade das instituições de ensino compreender a necessidade de fornecer o suporte necessário aos estudantes que apresentarem-se em sofrimento psíquico levando em consideração que o período de permanência na instituição é relativamente longo. Diante disso, é necessário orientar e promover estratégias que superem conflitos e preserve a saúde mental dos mesmos.

Segundo Rimmer, Halikas e Schuckit (1982, apud CERCHIARI et al, 2005; CAIXETA, 2011), pesquisas realizadas sobre a saúde mental de estudantes universitários apontam que de 14% a 19% dos estudantes apresentam problemas psíquicos surgidos em algum momento da vida acadêmica, onde um quarto dos alunos diagnosticados com algum tipo de sofrimento psíquico procurou atendimento em serviços de saúde mental e a manifestação mais apresentada foi a depressão.

As queixas mais apresentadas pelos estudantes em sofrimento psíquico nos serviços de atendimentos psicológicos das universidades são em relação ao estresse trazido pela sobrecarga de atividades acadêmicas, dificuldades nas relações pessoais, ansiedade, dificuldade de

adaptação à nova cidade distante da família. Essas queixas geralmente surgem quando os transtornos psíquicos ainda estão em fase inicial e o relato é feito em forma de desabafo, onde o estudante por não compreender a sua sintomatologia não apresenta interesse em iniciar o tratamento psicoterapêutico. Por outro lado e também com certa frequência, alguns estudantes apresentam sintomas como tentativa de suicídio e uso abusivo de álcool e drogas ilícitas, sendo necessário o encaminhamento para tratamento psiquiátrico (PERES, 2003 apud CAIXETA, 2011).

Enquanto aluna da UFCG e portadora de um transtorno de ansiedade, a síndrome de pânico e a vivência do sofrimento psíquico na academia tornou-se ainda mais evidente para mim. Sendo assim surgiu como problemática desse relato que para se obter uma formação profissional quando não se tem um suporte adequado para as suas necessidades a vida acadêmica torna-se mais densa, desafiadora e sofrida, levando em consideração todo o sofrimento que as cobranças cotidianas na academia proporcionam. Sabe-se que a pessoa em situação de sofrimento psíquico necessita de compreensão, tratamento específico, em muitos casos, empatia, humanidade e flexibilidade diante das atividades a serem executadas e principalmente apoio dos profissionais das instituições, que na maioria das vezes não possuem o conhecimento necessário para lidar com esse tipo de situação. A proposta de escrita deste trabalho deu-se a partir da ideia da construção de um relato autobiográfico sobre a interface do sofrimento psíquico na academia, bem como os atravessamentos que ele teve em minha formação.

Sendo assim a pergunta norteadora deste projeto foi: Será que, como discente protagonista do processo de adoecimento na universidade, percebi apoio e acolhimento ante à essa situação na academia?

Trazemos como justificativa a reflexão da necessidade de suporte estudantil ao universitário em situação de sofrimento psíquico e o impacto causado na formação acadêmica e pessoal como aluna que observou fragilidades no tocante ao apoio necessário/específico durante a graduação.

2 OBJETIVOS

Objetivamos de forma geral com esse relato autobiográfico: descrever os desafios e os impactos na vivência acadêmica de uma portadora de Síndrome do Pânico.

E de forma específica: analisar as dificuldades encontradas como estudante universitária em situação sofrimento psíquico através de um relato autobiográfico; buscar compreender o universo enquanto acadêmica portadora de transtorno ansioso, a fim de sugerir estratégias para prevenir o sofrimento de outros estudantes que possam desencadear sofrimento psíquico na academia.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 SÍNDROME DO PÂNICO

A síndrome do pânico é um transtorno que pode ser caracterizado pela ocorrência de ataques de pânico, onde o indivíduo apresenta crises súbitas de mal – estar, sensação de perigo e medo da morte com inúmeros sintomas fisiológicos, deixando-o em estado de alerta e hiperatividade. A duração e a intensidade da crise podem variar de pessoa para pessoa, tendo duração média de 10 minutos, podendo prolongar-se ou abreviar-se. O ataque de pânico em si, não é considerado uma patologia, pois pode ocorrer em casos isolados em indivíduos que passaram por uma situação onde foram submetidos a uma alta carga de estresse ou situação de extremo perigo podendo assim desencadear um ataque. Durante o episódio de pânico a pessoa pode desenvolver pelo menos quatro sintomas somáticos ou cognitivos tais como: taquicardia, tremores, sudorese, sensação de falta de ar, dor torácica, náuseas, medo de enlouquecer, medo de morrer, entre outros. (JÚNIOR; CORDÁS, 2001).

Para Menezes (2005, p.27108):

O pânico diz respeito à angústia despertada pelo desabamento da ilusão de um ideal protetor onipotente, que garantia a estabilidade do mundo psíquico organizado longe de incertezas, da falta de garantias e de indefinições. O pânico é uma das possibilidades afetivas que o sujeito encontrou no enfrentamento da condição de desamparo fundante e insuperável na constituição da vida psíquica.

Segundo Freud (1930 apud Caixeta, 2011) o mal da sociedade é o desamparo, o sujeito que é subordinado à cultura encontra-se sozinho, sentindo-se incapaz de seguir com a própria vida, ciente que tudo pode acabar a qualquer momento e ele não tem ninguém para contar. Para Freud o desamparo mostra quem a pessoa é de verdade, a forma como enfrenta o mundo e suas possibilidades, suas relações com o outro e consigo mesma.

3.2 Sofrimento Psíquico na universidade

No último século os transtornos de ansiedade tem aumentado significativamente devido a modernidade e alta competitividade da sociedade. Ao entrarem na universidade e vivenciarem a transição da adolescência para a vida adulta, muitos estudantes entram em crise em decorrência das transformações fisiológicas e psicológicas sofridas naquele momento, além de passarem por todo um processo de adaptação no seu novo papel social. (MARCHI, et al, 2013).

De acordo com Ferreira et al., (2009, p. 975), é importante avaliar os sintomas de ansiedade nos alunos da graduação pois:

Em virtude da vivência da entrada na universidade pelos estudantes, que envolve circunstâncias geradoras de tensão, tais como: responsabilidades que serão assumidas exclusivamente por eles; demandas acadêmicas intensas; maiores exigências sobre seu desempenho acadêmico, proveniente não só deles, mas de seus colegas de sala, de seus professores e familiares.

De acordo com Andrade, et al (2016), diversos autores em sua pesquisa mostram que o atendimento psicológico para estudantes em sofrimento psíquico nas universidades é muito precário e necessita de investigação e implementação de ações pelo órgãos responsáveis pela formação e exercício profissional para dessa maneira contribuir com a saúde universitária. Outro ponto observado por Andrade, é que nas universidades públicas uma das causas desse problema ser negligenciado, é o foco exagerado em incentivar as produções científicas que acaba por se tornar um modo de avaliação docente e deixa as atividades da graduação em segundo plano quando comparadas ao incentivo à pesquisa.

Para Xavier, Nunes e Santos (2008), o processo de aprendizagem na universidade está diretamente ligado aos seus interlocutores, o que se faz necessário compreender o porquê do impacto psíquico nos estudantes através dos significados resultantes dessa interação que envolve aspectos físicos, cognitivos e emocionais. “Desta forma, dar significado é mais do que atribuir uma definição, é a definição somada ao componente pessoal de quem define”.

Construir significados implica acomodar, assimilar, apropriar e ressignificar o mundo, a si, ao outro. Aprender implica interagir; o que põe em movimento, mecanismos afetivos, desejantes, e dispara aspectos inconscientes em relação ao outro. (XAVIER, NUNES, SANTOS, 2008, p. 432)

Segundo Caixeta (2011), em sua pesquisa, uma das atividades que mais provocam angústia nos estudantes, mesmo depois de repetidas vezes, é a exposição em público. Foi possível identificar que o medo da exposição vai além do fato de estar sendo avaliado para composição de nota e verificação da aprendizagem. O medo está em seu reconhecimento como

sujeito, em não mostrar suas fragilidades, nas expectativas depositadas nele pelos outros, no desejo de ser o que o outro espera dele.

Entende-se que na relação de aprendizagem há o aprendiz-sujeito, que busca no outro, sujeito que ensina, o conhecimento e um saber. Quem ensina tem a autoridade que lhe foi conferida culturalmente e, por isso, o reconhecimento de quem ensina é também o reconhecimento da cultura. No entanto, no processo ensino-aprendizagem comparecem distintas subjetividades, com manifestações conscientes e inconscientes, que nem sempre o espaço educativo leva em consideração. (CAIXETA, 2011, p. 34)

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que, de acordo com Godoy (1995), possibilita a melhor compreensão do pesquisador de acordo com o decorrer dos fenômenos estudados e que por não ser rigidamente estruturada, permite a proposta e exploração de novos enfoques, onde iremos, através de um relato autobiográfico, que segundo Abrahão (2003) é uma modalidade de pesquisa onde são narradas as experiências vividas e expressão de emoções, os quais permitem ao pesquisador analisar subjetivamente o fenômeno em estudo. Para Passeggi, et al (2010), a pesquisa autobiográfica ainda precisa vencer diversos desafios para consolidar-se no Brasil devido a sua diversidade de abordagens e possibilidades de amplitude nas temáticas no que se diz respeito a escrever sobre si.

4.1 LOCAL E PERÍODO

O estudo compreende o período de 2008 a 2018, em universidades onde a pesquisadora estudou, nas cidades de Patos-PB (Faculdades Integradas de Patos), Campina Grande- PB (Universidade Federal de Campina Grande) e São Paulo- SP (Universidade Nove de Julho).

4.2 PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS

Como procedimentos, podemos citar a necessidade da pesquisa bibliográfica, utilizando materiais já elaborados: livros, artigos científicos, revistas e documentos eletrônicos na busca

de conhecimento sobre o problema, correlacionando a vivência da pesquisadora com abordagens já descritas por outros autores.

A segunda parte se deu através de uma narrativa, onde a pesquisadora descreve em detalhes como foi sua trajetória acadêmica como portadora de síndrome do pânico, elencando em ordem cronológica de acordo com suas memórias os acontecimentos, desde a entrada na universidade, surgimento dos primeiros sintomas e diagnóstico até a tão esperada finalização da graduação.

Seguirá, então o seguinte desenvolvimento de ideias:

A partir do relato autobiográfico é possível identificar os possíveis fatores que contribuíram para o adoecimento e também para a superação dos problemas, porém, para isso é necessária uma reflexão em etapas:

1- O que me reserva a universidade?

Nessa etapa, a pesquisadora confronta os seus pensamentos, anseios, expectativas perante a sociedade, com o fato de ser uma jovem de 17 anos que sequer ainda escolheu uma carreira.

2- Qual o meu papel diante da sociedade?

O ingresso na universidade e o desenvolvimento de problemas de saúde levantam questões sobre o que realmente é importante. Ser universitária ou ser saudável? Será que se pode ser as duas coisas?
Como as pessoas conseguem?

3- Convivendo com o medo.

Após a negação, vem a aceitação do problema, uma nova forma de enxergar os fatos e o aprendizado diário com o sofrimento.

4- Altos e baixos.

Uma nova tentativa de cursar uma graduação, com um novo olhar, com novas expectativas mas sem lhe ser permitido esquecer o que lhe atormenta.

5- A Síndrome do Pânico não me define.

Mudanças, preconceito, enfrentamento, amadurecimento. A universidade é um ambiente salubre? Ela está preparada para formar pessoas com diferentes tipos de necessidades?

A terceira parte foi contemplada com uma discussão dos eixos temáticos emergentes na narrativa da autora.

4.3 ANÁLISE DE DADOS

Para essa etapa, utilizamos a análise categorial temática de Bardin, que:

Funciona por operações de desmembramento do texto em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou unidade temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 2009, p.153)

Através da nossa análise surgiram as seguintes categorias: categoria I: impactos na vida acadêmica de uma portadora de Síndrome do Pânico, evidenciando que ao ingressar na universidade onde espera-se que seja um ambiente salubre ou que no mínimo não ofereça riscos à saúde, o portador de um transtorno ansioso depara-se muitas vezes com inúmeros elementos que de alguma maneira vão influenciar no desempenho acadêmico e conseqüentemente levar ao sofrimento psíquico; categoria II: dificuldades sinalizadas no aprendizado e continuidade do curso, onde a autora afirma que uma das maiores dificuldades do portador do transtorno de pânico é não encontrar o apoio necessário para suportar o estresse acarretado pelas crises e para o enfrentamento de várias situações do dia a dia que podem levá-lo a desencadeá-la; categoria III: Estratégias lançadas para autoajuda/autofortalecimento na finalização do curso, a aceitação do problema e o enfrentamento das situações que provocaram o adoecimento são indispensáveis para a superação do mesmo.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

Essa pesquisa levou em consideração as diretrizes éticas do Conselho Federal de Enfermagem, presentes na resolução 564//2017, capítulo I – DOS DIREITOS, capítulo II – DOS DEVERES, capítulo III – DAS PROIBIÇÕES, artigos:

DOS DIREITOS

Art. 17 – Realizar e participar de atividades de ensino, pesquisa e extensão, respeitando a legislação vigente.

DOS DEVERES

Art. 58 – Respeitar os princípios éticos e os direitos autorais no processo de pesquisa, em todas as etapas.

DAS PROIBIÇÕES

Art. 97 – Falsificar ou manipular resultados de pesquisa, bem como usá-los para fins diferentes dos objetivos previamente estabelecidos.

Art. 98 – Publicar resultados de pesquisas que identifiquem o participante do estudo e/ou instituição envolvida, sem a autorização prévia.

Art. 99 - Divulgar ou publicar, em seu nome, produção técnico-científica ou instrumento de organização formal do qual não tenha participado ou omitir nomes de co-autores e colaboradores.

Art. 100 – Utilizar dados, informações ou opiniões ainda não publicadas, sem referência do autor ou sem a sua autorização.

Art. 101 – Apropriar-se ou utilizar produções técnico científicas das quais tenha ou não participado como autor, sem concordância ou concessão dos demais partícipes.

5 RELATO AUTOBIOGRÁFICO

1 *Minha primeira experiência com o pânico foi no ano de 2007 quando eu ingressei numa*
2 *universidade particular para cursar Fisioterapia. A escolha do curso foi aleatória, aos 17 anos*
3 *creio que pouquíssimos jovens saibam o que realmente querem fazer pelo resto de suas vidas.*
4 *Eu até me via fazendo algumas coisas, lecionando, por exemplo, igual minha mãe. Minha mãe*
5 *é formada em letras, deu aula a vida toda, mesmo sabendo o quão árdua é a jornada de um*
6 *professor, eu sempre fui apaixonada pelas letras, sempre fui apaixonada por leitura, sempre*
7 *gostei de escrever sobre meus sentimentos, mas aquele não era um curso “próspero” na*
8 *opinião dos outros, para mim. Sem relutar, o que jamais faria hoje, fui cursar Fisioterapia.*
9 *Minha mãe além de ter pago escola para mim a vida toda, agora também estava pagando uma*
10 *universidade cara e um táxi para me levar e trazer para casa todos dias, pois a universidade*
11 *ficava a 56 km da minha cidade. Dividia o táxi com uma amiga que estava um ano adiantada*
12 *no mesmo curso que eu havia iniciado, mas que não falava muito sobre o assunto, na verdade*
13 *durante os 60 minutos de percurso não falávamos, hoje eu entendo o porquê, mas isso não vem*
14 *ao caso.*

15 *Meu primeiro dia de aula foi horrível, uma sala com mais de 70 alunos, a maioria*
16 *estava ali contra a vontade, assim como eu, só pra satisfazer os pais, só que pra eles era*
17 *diversão, pra mim era tortura. Falavam sobre as disciplinas e os professores com propriedade,*
18 *já conheciam a maioria, os amigos já haviam contado como funcionava, como tal professor*
19 *aplicava a prova, como outro fingia que não via que as pessoas estavam colando, entre tantos*

20 outros comentários que me fizeram ver logo no primeiro dia que eu não estava no lugar certo
21 para mim. Me senti totalmente deslocada, logo eu que sempre fiz amizades com a maior
22 facilidade, ali eu me senti sufocada, não conseguia nem falar direito, em determinado momento
23 eu literalmente entrei em pânico e eu nem sabia o que era sentir aquilo. Saí da sala na metade
24 da terceira aula, eram seis por dia, eu estava com muito medo, meu coração parecia querer
25 sair pela boca, eu queria minha mãe, queria minha casa, queria minha antiga escola, mas tudo
26 ao meu redor era estranho e amedrontador. Corri para o táxi com a esperança que minha
27 amiga já estivesse lá para irmos embora, queria sair dali, queria minha casa, queria
28 principalmente não ter que voltar ali nunca mais, pra meu desespero ela não estava lá e demorou
29 duas longas horas para chegar, talvez aquela tenha sido a mais longa espera da minha vida,
30 quando entramos no carro o medo finalmente desapareceu, estava indo pra casa.

31 No segundo dia de aula eu menti que estava doente para não ter que voltar pra aquele
32 lugar, eu precisava de um plano pra não ter que voltar mais ali, mas eu não sabia o que fazer,
33 não sabia o que dizer, eu não podia desapontar tanta gente que estava feliz por eu estar na
34 universidade, por esse motivo eu adoecia cada vez mais, eu sofria em silêncio, até que com o
35 passar do tempo aquelas sensações foram me dominando e eu não conseguia mais esconder o
36 que eu sentia. Continuei indo pra universidade, mas também passei a ir praticamente todos os
37 dias para o hospital, meu coração disparava, o ar não penetrava nos meus pulmões, eu tinha
38 a sensação de que iria morrer a qualquer segundo e então eu pedia pra que minha mãe não me
39 deixasse morrer, porque eu era muito nova, tinha a vida toda pela frente. Minha mãe sempre
40 com toda a compreensão me levava ao hospital, minha pressão arterial por vezes se elevava
41 muito, por outras caía, era sempre horrível, durante aqueles minutos o único pensamento que
42 me vinha a mente e que ainda me vem até hoje, é o da morte. A sensação de que aqueles podem
43 ser seus últimos segundos de vida ao meu ver é a coisa mais desesperadora que uma pessoa
44 pode experimentar e eu já passei por isso tantas e tantas vezes que seria impossível contar.

45 Por quase um ano vivi a tortura de frequentar aquela universidade. Meus dias eram
46 extremamente tristes, eu ficava me vigiando pra saber em que momento aquela sensação ruim
47 ia chegar, precisava estar preparada, precisava ter um hospital por perto para que eu não
48 morresse sem que alguém me ajudasse e eu sequer sabia o que era aquilo, todos só diziam que
49 eu tinha de ser forte, que muita gente demorava a se adaptar a universidade, mas que eu ficasse
50 tranquila porque depois que aquele período passasse eu iria viver os melhores anos da minha
51 vida. Dez meses se passaram e tudo só piorava, eu me sentia mal o tempo todo, eu sentia medo
52 de morrer a todo instante, eu precisava de ajuda mas tinha medo do que eu poderia descobrir.
53 Um problema grave no coração, um tumor cerebral, um câncer no estômago, eram alguns dos
54 problemas que eu achava que tinha. Cada enfermidade que estudávamos em sala tinha um
55 sintoma parecido com os meus, fibrose cística, DPOC, ICC... Até que em um dia de extremo
56 desespero eu implorei para que minha mãe não me mandasse mais ir àquele lugar, pedi pelo
57 amor de Deus, pelo amor que ela me tinha e ela aceitou meu pedido, me abraçou, enxugou
58 minhas lágrimas e me disse que aquilo iria acabar.

59 Com o abandono da universidade vieram as enxurradas de críticas, viver numa cidade
60 de menos de 3.000 habitantes onde todos são preocupados com a sua vida não é nada fácil. Eu
61 passava na rua e ouvia as pessoas comentando sobre o fato, falavam sem cerimônia como se

62 *eu não estivessem ouvindo, se perguntavam o que eu queria da vida, falavam até do dinheiro*
63 *que meus pais haviam gasto comigo pra eu simplesmente abandonar o curso, comentavam que*
64 *tinham ouvido falar que eu estava com síndrome do pânico, outros simplesmente lamentavam,*
65 *coitada dela tão nova e já doente dessas coisas. Aquilo para mim era quase um insulto, eu não*
66 *sabia o que eu tinha, eu poderia ter qualquer doença, menos uma psicológica, comigo isso não*
67 *era possível acontecer.*

68 *Durante três meses fui a uma infinidade de médicos, fiz todo tipo de exame e nenhum*
69 *justificava o que eu sentia e aquilo se tornava cada vez pior, se eu não tinha uma doença, por*
70 *que eu me sentia tão mal?! O medo e o desespero aumentavam cada dia mais, eu não aceitava*
71 *as palavras dos médicos, eu questionava a competência de alguns, o que me fez passar na*
72 *mesma semana por quatro médicos da mesma especialidade e ouvir de todos a mesma coisa,*
73 *que eu não tinha problema algum apenas era muito ansiosa. Aquilo me revoltava e acabava*
74 *com a minha esperança de voltar a ter uma vida normal, a vida que eu saía com meus amigos,*
75 *ia a festas, viajava sem minha mãe, coisas que eu não conseguia mais fazer desde que havia*
76 *ingressado na universidade. Nesse período minha mãe se tornou meu remédio, eu não podia*
77 *ficar longe dela porque sabia que ninguém seria capaz de me socorrer, ela já era meu porto*
78 *seguro antes de tudo começar, mas daquele momento em diante ela se tornou meu oxigênio,*
79 *respirar longe dela era literalmente impossível e foi ali que meu problema começou a*
80 *atrapalhar a vida dela, quando ela saía para dar aula, vinte minuto após eu já estava em pânico*
81 *ligando pra ela vir pra casa porque eu estava morrendo, ela largava tudo e vinha, me levava*
82 *ao hospital, ouvíamos o mesmo discurso de sempre dos médicos e voltávamos pra casa porque*
83 *só o fato dela segurar minha mão me fazia sentir melhor, afastava aquele medo absurdo.*

84 *A solução que encontramos foi eu ir todos os dias para o trabalho com ela, como*
85 *acontecia algumas vezes quando eu era criança e ela não tinha com quem me deixar porque*
86 *meu pai estava trabalhando e me levava pra sala de aula com ela, eu já estava com 18 anos e*
87 *a história se repetia, mas dessa vez porque eu não conseguia ficar longe dela. Por quase 6*
88 *meses fui trabalhar com ela e aquilo me fez muito bem, dava aula com ela, como já estava se*
89 *aproximando a aposentadoria ela agora estava dando aula para crianças, era mais leve, depois*
90 *de 30 anos lecionando, era um descanso merecido e ali eu de certa forma me encontrei. As*
91 *crises foram se tornando menos frequentes mas ainda me atormentavam, até que um dia ela*
92 *me perguntou se eu não queria ir a um neurologista, na verdade ela queria dizer psiquiatra,*
93 *mas não disse por medo da minha reação e pela resistência dela em admitir que eu realmente*
94 *precisava de ajuda e aquilo pra mim surgiu como uma luz no fim do túnel, eu não aguentava*
95 *mais sentir aquilo, eu já não era eu, eu vivia escondida de mim mesma, com medo de viver,*
96 *com medo de morrer.*

97 *A primeira consulta foi marcada e os três dias que a antecederam foram terríveis, a*
98 *ansiedade me dominou por completo, até que o dia chegou. A consulta era na cidade vizinha,*
99 *34 km de distância, eu imaginei mil vezes minha morte dentro daquele carro antes de chegar*
100 *até lá, tinha pena de mim, morrer tão jovem, eu tremia por inteiro, meu coração batia tão*
101 *rápido que eu conseguia perceber os movimentos na blusa, não havia ar, eu respirava mas não*
102 *surtia efeito, eu imaginava meu velório, quem iria chorar minha morte, como meus pais iam*
103 *ficar sem sua única filha, a angústia me deixava totalmente fora da realidade, até que*

104 *chegamos. A consulta era por ordem de chegada mas esperar era uma coisa que eu não*
105 *conseguia fazer há tempos, entrei em crise e a recepcionista conversou com as pessoas para*
106 *me colocar na frente, eu deveria estar com uma expressão de muito doente porque ninguém se*
107 *negou e então eu entrei. Naquele dia eu conheci a pessoa que mudou minha vida, Nina*
108 *Barinova, eu não poderia deixar de citar o nome dela, uma das pessoas mais humanas que já*
109 *conheci, uma russa que se apaixonou por um brasileiro e pelo Brasil, uma mulher que lutava*
110 *contra o câncer e nas horas vagas ajudava pessoas como eu, Nina não era só uma boa médica,*
111 *ela era um ser humano iluminado, ela me fez enxergar o mundo de uma forma diferente, ela*
112 *me fez ter esperança de novo, quando eu saí daquele consultório eu já me sentia eu novamente,*
113 *eu iria sobreviver e tudo iria ficar bem.*

114 *Era incrível não sentir aquele medo o dia todo. Mesmo sabendo que era efeito da*
115 *medicação e que eu ia ter de aprender a conviver com isso eu estava muito feliz, tão feliz e tão*
116 *bem que decidi voltar a universidade, Nina me encorajou, me disse que eu era capaz, e que*
117 *ficaria tudo bem se eu não conseguisse, porque eu era muito jovem e Deus sempre cuida para*
118 *que uma hora ou outra tudo dê certo, então eu voltei. Os primeiros meses foram tranquilos,*
119 *apesar do cansaço, eu ainda estava em uso de psicotrópicos e me sentia um pouco sonolenta*
120 *pela manhã, até que um dia eu estava esperando o ônibus para ir para aula e o medo voltou a*
121 *tomar conta de mim, tentei respirar mas foi em vão, eu não acreditava que aquilo estava*
122 *acontecendo novamente, Nina me disse que eu conseguiria, minha mãe estava tão feliz por eu*
123 *ter voltado a estudar, um turbilhão de sentimentos tomou conta de mim e eu simplesmente saí*
124 *correndo na rua, ligando desesperada pra minha mãe ir me buscar. Eu cheguei em casa*
125 *arrasada, sem entender porque eu estava sentindo aquilo outra vez, como sempre sentindo*
126 *pena de mim mesma, me lamentando por não poder ser uma pessoa normal, questionando Deus*
127 *por aquilo está acontecendo de novo comigo e mais uma vez eu abandonei a universidade, Nina*
128 *faleceu e eu precisei de quase um ano para aprender a conviver com a ansiedade e a síndrome*
129 *do pânico e assim poder continuar minha vida acadêmica.*

130 *Após a morte da minha médica eu fiquei desolada, tinha medo de não encontrar alguém*
131 *que pudesse dar continuidade ao meu tratamento com o mesmo êxito que ela, Nina partiu, ela*
132 *lutou tanto e foi em vão e se comigo acontecesse a mesma coisa? E se eu não conseguisse*
133 *vencer o pânico? Como eu poderia viver com aquilo? Levei um tempo pra processar os*
134 *acontecimentos, mas quando eu pensava em desistir minha mãe me lembrava do quanto eu*
135 *precisava continuar. Meus sentimentos me confundiam o tempo todo, eu tinha muito medo de*
136 *morrer na hora das crises, mas ao mesmo tempo me perguntava como seria não sentir mais*
137 *aquelas terríveis sensações e aquilo me dilacerava o peito, eu sofria muito perdida nos meus*
138 *pensamentos, porém a única coisa que apesar de toda dor eu jamais cogitei foi acabar com*
139 *minha vida, pelo contrário, esse sempre foi e ainda é o meu maior medo, morrer sem realizar*
140 *tudo que eu sempre quis, medo de morrer sem ter concluído uma graduação, sem ter conhecido*
141 *os lugares que eu admiro, sem ser mãe e principalmente sem ajudar as pessoas como Nina*
142 *fazia.*

143 *Foi nesse período que escolhi a enfermagem, no final de 2010 fui aprovada em 4*
144 *universidades federais para o curso e hoje vejo o quanto fui feliz em ter escolhido a UFCG.*
145 *Em janeiro de 2011 me mudei para Campina Grande, com certeza o passo mais arriscado que*

146 *eu já havia dado na vida, naquele dia eu iniciava uma batalha contra mim mesma, contra meus*
147 *fantasmas, contra tudo que eu mais temia, a solidão, a universidade, a distância dos meus pais*
148 *e dos meus amigos. A primeira semana naquela nova cidade foi horrível, o tempo todo eu*
149 *pensava em desistir, eu queria fugir dali, eu queria minha casa, queria minha mãe, mas eu*
150 *também queria mudar de vida, tomar as rédeas da situação, provar para todos e principalmente*
151 *para mim que apesar de tudo eu era capaz de seguir em frente, de conquistar tudo que eu*
152 *sempre almejei.*

153 *Meu primeiro dia de aula na UFCG foi extraordinário, há tempos não me divertia tanto*
154 *com pessoas desconhecidas, eu estava leve, eu estava onde eu sempre quis, eu era aluna de*
155 *uma universidade federal, eu estava ali por mérito, não porque eu podia pagar uma*
156 *mensalidade, esse foi meu primeiro grande passo para compreender que apesar de ter um*
157 *problema psicológico eu ainda podia ser feliz. No segundo dia eu não consegui ir pra aula, eu*
158 *tinha medo de ir pro ponto de ônibus que ficava um pouco distante do lugar onde eu estava*
159 *morando, tinha medo de ter uma crise no ônibus e morrer sozinha, mas o principal medo era*
160 *de que alguém descobrisse que eu tinha pânico, de que alguém descobrisse o que eu achava*
161 *ser uma fraqueza. Eu ainda não suportava a ideia de ser diferente, de ser mais sensível, de em*
162 *algum momento necessitar de ajuda e ter vergonha de pedir, de ser julgada incapaz de ser*
163 *enfermeira.*

164 *No terceiro dia eu também não consegui sair do apartamento, eu só chorava o tempo*
165 *inteiro, eu odiava aquele prédio, morar com pessoas que não são da família não era exatamente*
166 *como eu imaginava, eu queria minha mãe, queria a UFCG também, mas como encarar tudo*
167 *sem minha mãe?! Liguei pra ela e contei tudo que estava acontecendo, as meninas que*
168 *moravam comigo diziam que no início era daquele jeito mesmo, que também tinham chorado*
169 *de saudades, mas que com o tempo eu iria me acostumando, que todo mundo passava por isso*
170 *quando saía de casa pra estudar longe, mas minha mãe sabia que não ia passar tão fácil, ela*
171 *conhecia todos os meus monstros internos e sem pensar duas vezes veio no dia seguinte com*
172 *meu pai morar em Campina Grande até que eu me acostumasse a ficar sozinha. Na semana*
173 *seguinte voltei pra universidade, meus colegas ficaram surpresos, acharam que eu tivesse*
174 *desistido do curso ou resolvido ir pra outra universidade. Fiquei muito feliz em voltar, eu*
175 *amava tudo aquilo mesmo conhecendo a tão pouco tempo, eu sabia que era ali que eu realizaria*
176 *meu sonho, sabia também que não seria fácil, mas eu queria muito tentar e tinha certeza que*
177 *apesar de tudo iria conseguir.*

178 *Passar o dia inteiro na universidade era muito cansativo, mas eu adorava. Logo fiz*
179 *muitas amizades e dia a dia íamos nos conhecendo e nos entrosando cada vez mais, apesar de*
180 *muitas disciplinas e da tão temida anatomia eu conclui o primeiro semestre sem crises e*
181 *aprovada em todas as disciplinas. No segundo semestre eu já me sentia veterana, meus pais*
182 *voltaram pra casa, eu comecei a morar sozinha e até então tudo bem, até eu decidir começar*
183 *a curtir a vida de universitária, ir pra festinhas, sair nos finais de semana, fazer farras no*
184 *apartamento. Tudo isso me levou a faltar bastante na universidade, meus colegas me*
185 *advertiam, mas eu estava muito cega com diante do que realmente importava, em algum*
186 *momento do caminho eu me perdi e as amizades tornaram-se mais importantes do que meu*
187 *curso, eu não dei conta de tudo, perdi provas porque estava de ressaca e reprovei duas*

188 *disciplinas no segundo semestre. Meu mundo caiu naquele final de ano, eu não acreditava que*
189 *tinha falhado, eu me culpava o tempo todo e sentia muita vergonha, tanta, que não conseguia*
190 *dizer pra minha mãe que havia sido reprovada, eu menti.*

191 *Segundo ano, terceiro semestre, as disciplinas começando a ficar mais difíceis, depois*
192 *do fracasso do semestre anterior eu ainda estava feliz porque poderia continuar com a minha*
193 *turma, já que as disciplinas que reprovei não eram pré - requisitos pra nenhuma outra, apenas*
194 *para o estágio supervisionado no final do curso, eu estava com meus amigos e parecia estar*
195 *tudo bem, até que as crises voltaram. Em meados do terceiro semestre comecei a ter crises*
196 *quase que diariamente só que aconteciam sempre a noite, no dia seguinte eu tinha medo de ir*
197 *pra universidade, medo de me sentir mal lá e ter que contar para as pessoas que eu tinha*
198 *síndrome do pânico, tudo se resumia ao medo. Mais uma vez as reprovações vieram, tudo virou*
199 *uma bola de neve, eu não podia contar pra minha mãe que havia reprovado outra disciplina*
200 *mas agora eu já não tinha mais como seguir com a minha turma, eu perdi minha turma por*
201 *medo, medo de não superar as expectativas dos meus colegas nos trabalhos, medo de ir pra*
202 *universidade e passar mal, tanto medo de falhar que acabei falhando em tudo.*

203 *Passei por 3 turmas diferentes até chegar ao quarto semestre, quando bloqueei com a*
204 *turma que fiquei até o nono, uma turma que me acolheu muito bem que fez eu me sentir parte*
205 *de um grupo novamente, fiz amizades rapidamente e pela primeira vez eu consegui falar*
206 *abertamente sobre o meu problema. Nessa mesma turma recebi muitos julgamentos, nada que*
207 *alguém que tem um problema como esse mereça ouvir, mas infelizmente a maioria das pessoas*
208 *não consegue compreender o que se passa com um portador de problemas psicológicos ou*
209 *psiquiátricos outras são apenas pessoas más mesmo, também consegui chegar a essa conclusão*
210 *e elas nunca tem coragem de falar na sua frente, você sempre escuta o relato por terceiros e*
211 *eu não sei o que é pior, ouvi das duas maneiras.*

212 *Certo fim de tarde estávamos em uma aula apresentando seminários, eu estava muito*
213 *mal desde a noite anterior, meu coração parecia que queria saltar de dentro do peito, eu*
214 *contava os minutos e segundos pra tudo acabar e eu poder ir embora, estava ali só de corpo*
215 *presente, minha mente estava muito a minha frente, nos meus pensamentos eu já tinha saído*
216 *da universidade, entrado no ônibus, passado mal, sido socorrida pelo SAMU, dado entrada na*
217 *UPA, tido uma parada cardíaca e falecido, meus pais já estavam vindo pra Campina buscar*
218 *meu corpo e minha mãe chorava muito, meu pai tentava consolá-la em vão, eles tinham perdido*
219 *sua única filha, meu namorado não acreditava que aquilo havia acontecido, minhas amigas*
220 *lamentavam minha partida tão repentina, tão precoce e de repente eu despertei com as palmas*
221 *e sai correndo da sala de aula em busca de oxigênio. Tremia descontroladamente e meus dentes*
222 *batiam uns nos outros como se eu estivesse no Polo Norte, o ar não entrava em meus pulmões,*
223 *as lágrimas tomavam conta da minha visão, eu não era mais dona do meu corpo, estava*
224 *totalmente entregue ao medo. Pessoas tentavam me tocar mas qualquer toque era assustador*
225 *demais, até que os segundos foram passando e eu consegui voltar ao controle da situação.*

226 *Essa foi a primeira vez que perdi o controle de uma crise na universidade,*
227 *coincidentemente bem na hora que o meu grupo iria se apresentar, disso eu fiquei ciente no*
228 *dia seguinte, quando amigas me relataram dos comentários que estavam sendo feitos a meu*
229 *respeito em sala de aula, falavam que minha crise era muito esperta, tinha acontecido na hora*

230 *de apresentar o trabalho, falaram também que eu usava o meu problema para me fazer de*
231 *coitada e fugir das responsabilidades acadêmicas entre tantas outras coisas que não valem a*
232 *pena ser relatadas, vindas de pessoas apáticas, incapazes de ser solidárias ao problema do*
233 *outro. Apesar de tudo eu continuei, mudei de psiquiatra, iniciei uma nova terapia*
234 *medicamentosa e dei seguimento aos estudos, um dia de cada vez e uma vitória a cada dia sem*
235 *crises. Por diversas vezes eu pensei em desistir, mas eu não sou o tipo de pessoa que desiste,*
236 *eu aprendi a conviver com o meu problema, mas eu não podia obrigar as outras pessoas a*
237 *compreenderem e isso doía muito, ainda dói, por saber que muitas outras pessoas passam*
238 *diariamente pelo que passei e que talvez não tenham o apoio familiar que eu sempre tive,*
239 *porque na universidade infelizmente foram poucas pessoas que me ofereceram apoio ou*
240 *simplesmente poucas estavam aptas a lidar com aquilo.*

241 *Uma coisa que com certeza me fez ter coragem de prosseguir foi o fato de eu nunca ter*
242 *tido crises nas aulas práticas, eu me sentia realizada dentro dos hospitais, eu me encontrei ali,*
243 *cuidando, usando o branco ou o verde, conversando com os pacientes, ouvindo suas histórias,*
244 *compreendendo como era abençoada por poder cuidar do outro, por saber como fazer, por*
245 *entender a doença, por enxergar além dela, por ser humana e além de sentir compaixão poder*
246 *realizar os cuidados que cada paciente necessitava e foi ai que eu entendi o porque de eu*
247 *apesar de tantas vezes sentir medo de levantar da cama e ir a universidade nunca ter desistido,*
248 *eu nasci pra ser enfermeira, porque cuidar do outro é um remédio para mim.*

249 *Apesar de não ser sempre compreendida pelos professores, na universidade ter amigos*
250 *conta muito pra quem está em sofrimento psíquico, eles te encorajam, seguram sua mão quando*
251 *you tem medo, te abraçam quando você está com saudades dos seus pais e muitas vezes*
252 *acabam se tornando irmãos que você vai levar pro resto da vida, outros até tentam manter uma*
253 *amizade mas uma hora ou outra podem dizer que você está atrapalhando a vida acadêmica*
254 *deles, isso também aconteceu comigo e quando o preconceito e a incompreensão vem de onde*
255 *a gente menos espera acaba machucando mais ainda. Eu tinha um grupo de amigas e sempre*
256 *fazíamos trabalhos juntas após o episódio que vou relatar a seguir ainda continuamos porque*
257 *apesar de ter sofrido com o acontecido são pessoas que eu gosto, então, no sétimo semestre*
258 *tínhamos um trabalho pra discutir em sala, já estava tudo combinado, escrito e impresso e pra*
259 *minha tristeza no dia do trabalho eu tive uma crise muito forte, não consegui ir até a*
260 *universidade na parte da manhã, a tarde quando cheguei pra aula elas pediram pra conversar*
261 *comigo, uma começou insinuando que eu tinha tido crise por coincidência no dia do trabalho,*
262 *como se eu escolhesse o dia e a hora de ter uma crise, as pessoas não fazem ideia do quanto*
263 *you sofre por sentir aquilo e ainda te acusam de algo tão sem sentido, outra falou que eu tinha*
264 *que falar com os professores pra ser avaliada de outra forma, porque eu tinha prejudicado o*
265 *grupo no seminário e que isso era ruim pra mim e para elas. Eu ouvi tudo, um pouco incrédula,*
266 *mas elas falavam sério e eu me negava a acreditar que estava ouvindo aquilo das pessoas que*
267 *estavam comigo todos os dias na universidade e nas práticas, meu mundo parou.*

268 *Ser julgada por quem não te conhece já é difícil, mas quando a pancada vem de onde a*
269 *gente menos espera é muito mais dolorido, eu sinceramente perdi o chão naquele momento,*
270 *levantei, segurei as lágrimas e sai de perto delas imediatamente, eu não conseguia respirar,*
271 *não conseguia falar, eu só chorava descontroladamente. Mas como sempre Deus nunca me*

272 deixou sozinha e colocou um anjo no meu caminho, encontrei com uma professora que não
273 poderia deixar de citar aqui, Priscilla Castro, professora de saúde mental, a pessoa que me
274 salvou aquele dia, eu pedi ajuda, não sei como consegui falar, mas eu pedi ajuda e ela me levou
275 pra um lugar reservado, me ouviu chorar por mais alguns minutos e me ajudou a voltar a
276 respirar, entre soluços eu contei o ocorrido e da melhor forma possível ela me acalmou, me
277 aconselhou, e trouxe paz para o meu coração, aquele foi o primeiro dia que eu me senti
278 realmente acolhida na universidade, uma professora em pleno horário de almoço sentou
279 comigo e ouviu todos os meus anseios, aquele dia que havia sido tão terrível me trouxe muito
280 esclarecimento, eu não estava sozinha, alguém naquele universo me compreendia e a ela eu
281 serei eternamente grata.

282 O tempo foi passando e eu concluí o oitavo semestre, cheio de maravilhosas
283 experiências, SAMU, UPA, UTI, lugares onde eu me sentia bem em “trabalhar” não tive
284 ausência de crises nesse período, mas consegui controlá-las melhor, então chegou a hora que
285 eu adiei ao máximo, a hora de me despedir da minha turma, eu tinha uma disciplina pendente
286 e não poderia entrar no estágio supervisionado com eles, ainda tentei permanecer com eles,
287 abri um processo mas me foi negado pelo colegiado, não tinha mais escapatória, ao invés de
288 ir pro nono voltei pro terceiro semestre pra cursar apenas uma disciplina, me matriculei
289 também na disciplina de TCC I onde as primeiras ideias desse trabalho surgiram mas sofri um
290 pequeno acidente, me machuquei e acabei sendo reprovada pelo professor que no momento
291 lecionava o componente curricular Epidemiologia, o qual não merecia nem ser citado, mas por
292 causa dele minha vida deu uma grande reviravolta.

293 O referido professor me expulsou da sala de aula mesmo eu estando com todas as
294 justificativas em mãos, ele não me deu direito nem a uma fala e aquilo me revoltou
295 extremamente, procurei o coordenador do curso mas infelizmente ele estava viajando, liguei
296 pra minha mãe e disse que estava abandonando a enfermagem e a UFCG, eu já havia
297 contornado muita coisa mas aquilo pra mim foi a gota d'água, um professor que nem era
298 enfermeiro, que não me conhecia que estava na UFCG a pouquíssimo tempo não tinha o direito
299 de me tratar daquela maneira, aliás, ninguém tem o direito de tratar alguém como fui tratada,
300 eu me senti uma ré, num tribunal fictício, sem direito a defesa, por ter cometido um crime
301 inafiançável, perante um juiz com dificuldades de julgamento, o que me levou a criar um
302 diagnóstico de enfermagem baseada na situação: capacidade de julgamento ineficaz,
303 relacionada a falta de conhecimento aos princípios da universidade e direitos dos acadêmicos,
304 evidenciada pelo comportamento agressivo e desapropriado. Pensei em dizer isso a ele, mas
305 quando eu pedia licença pra falar ele não me dava chances. Eu chorei muito aquele dia, fui
306 atendida na clínica de psicologia da universidade, onde pude relatar toda a minha indignação
307 diante do que estava acontecendo, mas não foi o suficiente, eu ainda queria ir embora, eu ainda
308 queria apesar de todo o amor que sinto pelo curso e pela UFCG. Conversei com a secretária
309 do departamento na época, Julliana, e ela me convenceu a não desistir, então eu continuei
310 cursando apenas uma disciplina optativa até o semestre seguinte.

311 O semestre começou e eu me preparei muito pra conseguir encarar aquele professor
312 novamente, até a voz dele me fazia sentir mal, mas eu prossegui. A UFCG estava com o
313 calendário irregular no final de 2016 e nós não concluímos o semestre, entramos de férias

314 *quase no final dele, eu estava conseguindo levar a disciplina adiante, mas não via a hora que*
315 *acabasse. No final do ano viajei pra São Paulo pra mudar um pouco de ares e visitar meus*
316 *familiares e nessa viagem eu me senti tão leve, tão feliz por estar um pouco distante daquela*
317 *sala de aula, tanto que resolvi ficar e terminar o curso em uma faculdade particular lá mesmo*
318 *e assim eu fiz, voltei a Campina, peguei minha documentação na UFCG peguei o resto das*
319 *minhas coisas e fui pra São Paulo novamente. Assim que cheguei de viagem a primeira coisa*
320 *que fiz foi procurar um psiquiatra, estava me sentindo mal nos últimos dias pelo fato de ter*
321 *abandonado uma universidade federal que sempre foi o meu sonho, por uma faculdade*
322 *particular que provavelmente não me ofereceria a mesma qualidade de ensino, ele me sugeriu*
323 *uma mudança na medicação e em dois meses eu já estava fazendo o desmame, com total*
324 *ausência de sintomas. Desde o primeiro dia que voltei com a documentação até o último dia*
325 *que fiquei em SP eu nunca tive uma crise, isso vale muito a pena ser falado, um lugar onde as*
326 *pessoas passam o dia numa correria absurda estudando e trabalhando me fez muito bem, e eu*
327 *me perguntei porque eu não me sentia assim em Campina Grande e na UFCG.*

328 *A Universidade Nove de Julho foi a que escolhi pra dar continuidade ao curso, uma*
329 *universidade enorme com um programa de ensino muito atraente, cheia de recursos e dona de*
330 *um complexo enorme de campi universitários. Foi uma escolha difícil, pois ficava muito longe*
331 *de São Bernardo do Campo que é onde eu estava morando, tinha que pegar três conduções pra*
332 *chegar lá, mas foi uma boa escolha. O sistema de ensino de lá é muito diferente da UFCG,*
333 *funciona através de módulos, demorei um pouco pra me acostumar mas todos da turma me*
334 *ajudavam muito, fui extremamente bem acolhida, as pessoas achavam lindo meu sotaque*
335 *nordestino, falavam que eu era muito inteligente quando eu me posicionava nas aulas e também*
336 *me achavam louca por ter largado uma universidade federal por uma particular, mas o mais*
337 *importante foi todo o apoio que recebi, pessoas que não mal me conheciam e já me tratavam*
338 *como amiga, na turma não havia subgrupos, todos se ajudavam, todos estavam no mesmo*
339 *barco. A maioria da minha turma já eram técnicos de enfermagem e trabalhavam em grandes*
340 *hospitais, muitos chegavam direto do plantão e dormiam a aula toda depois a gente tinha de*
341 *repassar a matéria com eles, mas havia empatia e não era trabalho algum fazer aquilo.*

342 *Eles também gostavam de ouvir sobre minhas práticas na UFCG, sempre surpreendidos*
343 *com a carga horária extensa, não imaginavam como seria passar o dia inteiro assistindo aula*
344 *e muito menos alternar aulas teóricas com as práticas nos hospitais, lá toda a graduação era*
345 *apenas dentro da universidade que contava com uma clínica enorme que prestava serviços a*
346 *população, sair de dentro da universidade para outros serviços somente no estágio*
347 *supervisionado que lá era uma verdadeira loucura, cada semana em um hospital diferente,*
348 *hoje não consigo imaginar como teria sido, sem tempo pra pegar a rotina dos setores, de ver*
349 *todos os procedimentos, de ter oportunidade para talvez realizar um procedimento. A*
350 *UNINOVE é uma ótima universidade, professores muito bons, mas todos os dias eu sentia falta*
351 *da UFCG, do CCBS, de Campina Grande e hoje eu entendo por que.*

352 *Em agosto de 2017, numa visita a Paraíba, meus pais me pediram pra voltar pra casa,*
353 *como sou filha única e tenho pais maravilhosos eu não podia negar um pedido deles, o único*
354 *problema é que eu já não tinha mais vínculo com a UFCG, teria que pedir uma renovação de*
355 *vínculo ou estudar em uma universidade particular e assim foi feito, entrei com um processo*

356 *para tentar renovar meu vínculo, contei minha história, fui ouvida e compreendida pelo*
 357 *colegiado, coordenação e pró-reitoria que me deram parecer positivo e eu me tornei*
 358 *novamente aluna da UFCG e dessa vez foi muito mais emocionante do que quando passei no*
 359 *vestibular, eu estava voltando pra casa, de onde eu nunca quis ter saído, mas que por motivos*
 360 *que estão além da minha compreensão precisei sair para entender o quão é importante e*
 361 *necessário o enfrentamento das situações. Agora eu tinha outra missão pra enfrentar, de novo*
 362 *a Epidemiologia, as disciplinas que eu havia cursado em São Paulo não poderiam ser*
 363 *aproveitadas pela UFCG por eu ser veterana e eu talvez tivesse de encarar aquele professor*
 364 *outra vez. Aguardei o início das aulas e para minha surpresa outros professores haviam*
 365 *assumido a disciplina, foi um período tranquilo, estudando com professores que já conhecia,*
 366 *enfermeiros que eu admiro, deu tudo certo e eu cheguei ao tão esperado estágio*
 367 *supervisionado.*

368 *No estágio supervisionado estamos sem os professores, praticando sob a supervisão do*
 369 *enfermeiro do serviço, colocando em prática o que aprendemos durante toda a graduação,*
 370 *errando, acertando, mas principalmente aprendendo muito. No estágio 1 eu comecei muito*
 371 *bem, estava com ausência de crises há um bom tempo, mas infelizmente em meados do período*
 372 *elas voltaram, foi difícil, mas eu consegui concluir. O estágio supervisionado 2 foi muito mais*
 373 *leve para mim no sentido de estar no hospital, área que eu realmente me identifico muito, é*
 374 *cansativo ir todos os dias, algumas vezes levantar da cama é um tremendo sacrifício, mas é a*
 375 *reta final, quando está difícil eu relembro tudo que passei pra chegar até aqui e*
 376 *instantaneamente eu renovo minhas forças. O medo foi embora, estou com um novo psiquiatra*
 377 *e agora o sentimento é de gratidão por não sentir tudo aquilo todos os dias, se ele voltará, eu*
 378 *não sei, mas também não sinto mais medo disso.*

379

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

Categoria I: Impactos na vida acadêmica de uma portadora de Síndrome do Pânico.

Conviver com o pânico é uma árdua batalha diária, cada dia é um novo desafio, levantar da cama as vezes é difícil após uma noite em crise, mas é preciso seguir a rotina e não se deixar abater pelo medo constante. Ao ingressar na universidade onde espera-se que seja um ambiente salubre ou que no mínimo não ofereça riscos à saúde, o portador de um transtorno ansioso depara-se muitas vezes com inúmeros elementos que de alguma maneira vão influenciar no desempenho acadêmico e conseqüentemente levar ao sofrimento psíquico.

“Meu primeiro dia de aula foi horrível, uma sala com mais de 70 alunos, a maioria estava ali contra a vontade, assim como eu, só pra satisfazer os pais, só que pra eles era diversão, pra mim era tortura. Falavam sobre as disciplinas e os professores com propriedade, já conheciam a maioria, os amigos já haviam contado como funcionava, como tal professor aplicava a prova, como outro fingia que não via que as pessoas estavam colando, entre tantos outros comentários que me fizeram ver logo no primeiro dia que eu não estava no lugar certo para mim.(pag. 11, l. 15 - 21)

“Eu estava com muito medo, meu coração parecia querer sair pela boca, eu queria minha mãe, queria minha casa, queria minha antiga escola...” (pag. 11, l. 24 – 26)

“Continuei indo pra universidade, mas também passei a ir praticamente todos os dias para o hospital, meu coração disparava, o ar não penetrava nos meus pulmões, eu tinha a sensação de que iria morrer a qualquer segundo e então eu pedia pra que minha mãe não me deixasse morrer.” (pag. 12, l. 37 – 40)

Xavier, Nunes e Santos (2008) consideram a universidade um ambiente desafiador, pois lá desenvolvem-se vários aspectos cognitivos, sociais, físicos e emocionais que determinam o processo de formação e que é cada vez mais notável o adoecimento e evasão dos alunos acometidos por alguma enfermidade psíquica. Na fala da autora podemos notar o quanto a mesma sentia-se desamparada quando adentrou no ambiente acadêmico o que a levou a questionar sua escolha e o porquê de sentir-se tão mal na universidade.

Menezes (2005), aponta que o pânico aparece quando o indivíduo depara-se com situações de incertezas e indefinições, o sentimento de angústia é despertado pela perda de seus ideais de proteção que mantinham o seu mundo psíquico estável. A chegada à universidade, um universo totalmente diferente do qual estava acostumada, a autora começa a desenvolver sentimentos totalmente desconhecidos justamente pelo processo de adaptação à nova realidade onde seu mundo é desconstruído e ela passa a enxergar os fatos por outra perspectiva, essa, que diz que algo está errado e a faz querer voltar ao passado, a momentos, lugares e pessoas que lhe transmitem segurança.

Para Freud (1930 apud Caixeta, 2011), o desespero mostra como a pessoa é capaz de sobreviver no mundo, tendo consciência que a vida é finita, mostra como o indivíduo lida com suas relações sociais, pessoais e consigo mesma diante de toda a imprevisibilidade proporcionada pelo meio. A academia foi um marco na vida da autora que até o momento de seu ingresso desconhecia os sintomas provocados pelo pânico, a mesma não conseguia compreender os novos acontecimentos e encontrava-se em constante sofrimento e sem o apoio específico para o enfrentamento da situação.

Segundo Gonzalez Rey (2004 apud Gomes, Comonian e Araújo, 2018), algo que dificulta analisar mais profundamente o desenvolvimento humano é o fato de que tudo é visto apenas pelo lado racional, acarretando até mesmo desprezo pelo lado emocional. Essa dicotomia razão/emoção é cada vez mais nítida e traz consequências, uma vez que o conteúdo acadêmico é transmitido na universidade totalmente dentro do paradigma racional e não se dá a devida importância aos resultados emocionais desse processo.

Iniciar novas atividades pode ser um divisor de águas na vida de uma pessoa, para a autora, despedir-se da antiga escola, entrar na universidade, conhecer novas pessoas e assumir seu novo papel de adulta desencadeou uma série de novos sentimentos os quais a mesma até então desconhecia, sentimentos esses que dificultaram e tornaram impossível sua trajetória acadêmica até que fosse diagnosticada e iniciasse o tratamento.

Categoria II: Dificuldades sinalizadas no aprendizado e continuidade do curso

Uma das maiores dificuldades do portador do transtorno de pânico é não encontrar o apoio necessário para suportar o estresse acarretado pelas crises e para o enfrentamento de várias situações do dia a dia que podem leva-lo a desencadea-la. Esse apoio deve partir da família, amigos e das pessoas do seu convívio, no caso da universidade, dos docentes, que devem ser preparados para identificar, compreender e apoiar o aluno que encontra-se em sofrimento psíquico.

“Em meados do terceiro semestre comecei a ter crises quase que diariamente só que aconteciam sempre a noite, no dia seguinte eu tinha medo de ir pra universidade, medo de me sentir mal lá e ter que contar para as pessoas que eu tinha síndrome do pânico, tudo se resumia ao medo.” (pag.16, l. 199 – 202)

“Mais uma vez as reprovações vieram, tudo virou uma bola de neve, eu não podia contar pra minha mãe que havia reprovado outra disciplina mas agora eu já não tinha mais como seguir com a minha turma, eu perdi minha turma por medo, medo de não superar as expectativas dos meus colegas nos trabalhos, medo de ir pra universidade e passar mal, tanto medo de falhar que acabei falhando em tudo.” (pag.16, l. 202 - 206)

“Apesar de tudo eu continuei, mudei de psiquiatra, iniciei uma nova terapia medicamentosa e dei seguimento aos estudos, um dia de cada vez e uma vitória a cada dia sem crises. Por diversas vezes eu pensei em desistir, mas eu não sou o tipo de pessoa que desiste, eu aprendi a conviver com o meu problema, mas eu não podia obrigar as outras pessoas a compreenderem e isso doía muito, ainda dói...” (pag. 16, l. 238 – 242)

Para Ferreira, et al (2009), durante a graduação é necessário avaliar os sintomas de ansiedade nos alunos, pois muitas responsabilidades são geradas sobre eles e isso pode levar ao adoecimento, tais como: demandas acadêmicas intensas, exigências sobre o desenvolvimento acadêmico, que parte não só do aluno, mas também de seus professores, colegas e familiares.

Na fala da autora fica claro o quanto as expectativas sobre o seu desempenho acadêmico acabaram por prejudicar seus resultados, o medo da reprovação acadêmica e da reprovação familiar fizeram com que a mesma entrasse em profundo sofrimento psíquico

sentindo-se por muitas vezes incapaz de estar no ambiente universitário o que acabava por prejudicar suas notas e fazê-la questionar-se sobre sua capacidade intelectual.

Xavier, Nunes e Santos (2008), dizem que o processo de aprendizagem está diretamente ligado aos interlocutores, o que se faz necessário compreender o porquê desse impacto psíquico nos estudantes resultante dessa interação, o processo de aprendizagem implica em interação o que pode ressignificar mesmo que inconscientemente o mundo do outro.

De acordo com Andrade, et al (2016), o atendimento psicológico para estudantes em sofrimento psíquico nas universidades é muito precário e necessita de investigação e implementação de ações pelos órgãos responsáveis pela formação e exercício profissional, os mesmos também observaram que uma das causas da negligência no atendimento de estudantes em universidades públicas é o incentivo exagerado às produções científicas que tornou-se um modo de avaliação docente.

Apesar de não encontrar até certo momento da graduação o apoio necessário dentro da universidade para lidar com seu problema, a autora continuou buscando outros meios de ajuda para prosseguir no curso e tentar contornar os obstáculos que prejudicavam sua vida acadêmica, o que poderia possivelmente ter sido evitado se contasse com tratamento necessário dentro da universidade além de mais compreensão e estratégias específicas para o caso por parte da comunidade acadêmica.

Categoria III: Estratégias lançadas para autoajuda/autofortalecimento na finalização do curso

A aceitação do problema e o enfrentamento das situações que provocaram o adoecimento são indispensáveis para a superação do mesmo. Muitas vezes sair do lugar onde tudo começou pode parecer uma alternativa para eliminar os sintomas, mas somente quando se é capaz de enfrentar e conviver com algo que já lhe provocou sofrimento é que pode-se dizer que o problema foi solucionado.

“ No final do ano viajei pra São Paulo pra mudar um pouco de ares e visitar meus familiares e nessa viagem eu me senti tão leve, tão feliz por estar um pouco distante daquela sala de aula, tanto que resolvi ficar e terminar o curso em uma faculdade particular lá mesmo.” (pag. 18, l. 322 – 325))

“No estágio supervisionado estamos sem os professores, praticando sob a supervisão do enfermeiro do serviço, colocando em prática o que aprendemos durante toda a graduação.” (pag.20, l. 377 – 378)

“É a reta final, quando está difícil eu relembro tudo que passei pra chegar até aqui e instantaneamente eu renovo minhas forças. O medo foi embora, estou com um novo psiquiatra e agora o sentimento é de gratidão por não sentir tudo aquilo todos os dias, se ele voltar, eu não sei, mas também não sinto mais medo disso.”(pag.20, l. 384 - 387)

De acordo com Loreto (1985, apud Caixeta, 2011), é responsabilidade da universidade compreender a necessidade de fornecer apoio aos estudantes que apresentam sofrimento psíquico ao longo do curso, levando em consideração que o período de permanência na instituição é relativamente longo.

Uma alternativa que a autora encontrou para tentar antecipar a finalização do curso e de certa forma fugir do sofrimento que a universidade estava lhe causando foi em certo período da graduação mudar de cidade e conseqüentemente de instituição, tentando assim diminuir a sobrecarga emocional pela qual estava passando. Essa mudança lhe rendeu um período de tranquilidade e amadurecimento por estar morando numa cidade grande e de estilo de vida diferentes, além de acompanhamento com novos médicos que lhe proporcionaram viver sem necessidade de medicação por um período considerável de tempo o que lhe trouxe a coragem necessária para o enfrentamento de diversas situações, dentre elas, retornar pra sua antiga universidade e concluir o curso onde desejava.

Segundo (MARCHI, et al, 2013), a alta competitividade da sociedade trazida pela modernidade tem aumentado o número de portadores de transtornos ansiosos que geralmente tem início no ingresso na universidade onde ocorre a transição da adolescência para a vida adulta e conseqüentemente um processo de adaptação no novo papel do indivíduo perante a sociedade.

Para a autora a chegada ao estágio supervisionado representa um grande passo na sua carreira, o que foi por tantas vezes adiado, aconteceu e graças ao apoio agora encontrado na instituição, apoio fundamental e indispensável, a mesma pôde finalmente enfrentar seus medos e concluir a graduação, encerrando assim mais um ciclo e dando chance para inúmeras novas possibilidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conviver com a síndrome de pânico é um grande desafio para o portador, uma vez que a sociedade torna-se cada vez mais competitiva, qualquer pessoa que possua problemas considerados insignificantes para grande parte da população sofrerá com as barreiras encontradas ao longo do caminho. O adoecimento psíquico é algo cada vez mais notório e o descaso com quem adoecer permanece praticamente igual apesar das lutas travadas pelos defensores dessa bandeira.

Sofrer preconceito por algo que você não é responsável, sentir medo de retaliações pelo fato de não conseguir seguir o mesmo ritmo da maioria ou simplesmente ser julgado por precisar de terapia ou tratamento psiquiátrico são alguns dos inúmeros desafios a serem enfrentados diante de uma maioria que não conhece o que se passa na vida de um portador de transtorno psíquico nem está interessada em conhecer essa realidade.

A realidade é que todos estão vulneráveis a desenvolver um problema psicológico em algum momento da vida, mas enquanto isso não acontece ou se toma conhecimento do quão difícil é passar por isso simplesmente não importam-se em se compadecer da dor e sofrimento do outro.

Nesse estudo pudemos conhecer um pouco da trajetória acadêmica de uma pessoa que entrou em sofrimento psíquico ao adentrar no universo novo e competitivo da universidade, seus anseios, seus medos, suas dificuldades encontradas pelo caminho, o desamparo, a falta de compreensão, o preconceito, como também a vontade de seguir em frente apesar de tudo e a superação dos desafios.

Cursar e concluir uma graduação portando a síndrome do pânico é uma tarefa árdua, mas ao mesmo tempo esclarecedora, conviver com um problema de saúde pode mudar a visão de vida de uma pessoa e torná-la um ser humano mais forte e preparado para prestar assistência adequada a quem o necessitar, colocar-se no lugar do outro e tentar compreender a sua dor.

O apoio para iniciar o tratamento é algo indispensável, e a universidade como formadora de cidadãos, tem por obrigação identificar e oferecer ajuda aos estudantes que encontram-se em algum tipo de sofrimento psíquico, além de promover a disseminação de ideias que mudem a visão preconceituosa que paira sob a maioria e consiga tornar-se um ambiente salubre para todos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação / History Education Journal**, v. 7, n. 14, jul./dez. 2003.

ANDRADE, A. S; et al. Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36 n°4, 831-846, Out/Dez. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CAIXETA, Sueli Pereira. **Sofrimento Psíquico em Estudantes Universitários: uma pesquisa exploratória**. Dissertação (mestrado), Universidade Católica de Brasília, 2011.

CAIXETA, Sueli Pereira; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte. Sofrimento psíquico em estudante universitário. **XI Congresso Nacional de Educação, EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

Código de ética dos profissionais de enfermagem. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/resolucao_311_anexo.pdf> Acesso em: 5 agosto 2018

FERREIRA, C. L; et al . Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 3, p. 973-981, Jun 2009 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200900300033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 julho 2018.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

Gomes, C., Comonian J. O., & Araújo, C. L. (2018). Sofrimento psíquico na Universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 7(2), 255-266. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i2.1909

JÚNIOR, Alberto Stoppe; CORDÁS, Táki Athanássios. Síndrome do pânico. **Revista brasileira de medicina**. Edição: Jul 01 V 58 N7.

MARCHI, Katia Colombo et al. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 729-37, set. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/18924/15499>>. Acesso em: 30 jul. 2018

MENEZES, Lucianne Sant'Anna. Pânico e Desamparo na Atualidade. **Ágora**, (Rio de Janeiro) v. VIII n. 2, 193-206, jul/dez 2005

PASSEGI, M. C; et al. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista** | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.369-386 | abr. 2011.

XAVIER, A; NUNES, A. I. B. L; SANTOS, M. S. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VIII – Nº 2 – p. 427-451 – jun/2008.